

Projeto de extensão: História e Cultura Afro-Brasileira e indígena nas escolas do Trairi

RESUMO

Este trabalho apresenta as ações desenvolvidas no Projeto de Extensão: História e Cultura Afro-Brasileira e indígena nas escolas do Trairi”, que tem como finalidade a promoção de uma educação para a diversidade, na qual os envolvidos compreendam a importância e a necessidade de aprender mais sobre nossa história, a história do povo brasileiro, e as influências que os africanos e indígenas deixaram, mas que muitas vezes são rejeitadas, esquecidas ou apagadas ao longo dessa trajetória até os dias de hoje, e que tudo isso gera consequências. Esta atividade de extensão começou a ser executada em 2018, com duas escolas estaduais de Ensino Médio (Escola Estadual Ferreira Marques) e Fundamental (Escola Estadual Virgílio Furnado. Em 2019, as atividades do projeto destinam-se à duas turmas do Ensino Fundamental das Escolas Municipais São José e Aluisio Bezerra, incluindo alunos e professores, e para que o objetivo seja bem sucedido e compreendido por todos, são utilizadas atividades como as rodas de conversa, as sessões de cinema e as oficinas.

1. Introdução

Este projeto de extensão tem por objetivo promover a disseminação de atitudes e práticas voltadas para o respeito à diversidade étnico-cultural e a justiça social na região do Trairi, de modo a aproximar profissionais da educação, assim como jovens estudantes das escolas de ensino fundamental e médio, da história e cultura afro-brasileira e indígena através da arte e dos debates, em consonância com as determinações da legislação educacional, bem como com o princípio de respeito à diversidade como prática pedagógica do IFRN.

As oficinas, sessões de cinema e rodas de conversas promovidas pelo NEABI e NUARTE do IFRN, em parceria com a 7ª Dired de Santa Cruz/RN e Secretarias Municipais de Educação de Santa Cruz e Lajes Pintadas, contribuem para promover aprendizagens sobre a inegável diversidade cultural e étnica brasileira, numa sociedade em que, de regra, predomina uma percepção histórica que procura apagar essa pluralidade, com base na suposta “democracia racial”. A partir da emergência de políticas afirmativas e da aprovação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, tornou-se evidente a demanda, antes invisibilizada, pelo reconhecimento da história e cultura afro-brasileira e indígena e, portanto, sua contribuição, presença e persistência (MUNANGA, 2006).

Observe-se que, apesar de contarmos mais de uma década desde a aprovação da legislação responsável pela alteração da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), estabelecendo “as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira”, ainda verificamos que esta determinação é precariamente cumprida nas instituições de ensino brasileiras, não sendo diversa a realidade nas escolas do Trairi.

A inserção recente destas temáticas nos currículos universitários, muitas vezes através de disciplinas optativas e da formação de grupos de pesquisas, além da criação de cursos de especialização, a disponibilização de materiais didáticos sobre o assunto pelo MEC e realização de as atividades educativas do Novo Mais Cultura, programa do Governo Federal, são políticas importantes, mas, que precisam continuar a avançar, efetivando, assim, na prática do ensino a legislação educacional vigente. Certamente, o grande desafio da escola democrática está no enfrentamento do preconceito experimentado no cotidiano escolar e na necessidade de mudança de postura em “direção de uma educação antirracista e promotora de igualdade das relações sociais e étnico-raciais” (SOUZA, 2006, p.81). Dessa forma, a realização das oficinas e rodas de conversas voltadas para as escolas de ensino fundamental e médio da região, colaboram para promover, entre os jovens, aprendizagens sobre a diversidade cultural e a justiça social, especialmente, em relação às populações afro-brasileiras e indígenas.

2. Metodologia

As atividades do projeto são desenvolvidas a partir de oficinas, sessão de cinema, viagem de campo e rodas de conversas (uma delas programada para ocorrer na comunidade indígena do Catú). O emprego desses diferentes recursos possibilitam a concretização de metodologias de aprendizagem baseadas na resolução de problemas (POZO, 1998), permitindo aos estudantes a apropriação do conhecimentos de forma autônoma, de modo a refletir sobre a produção social e histórica

do racismo. Os debates e o conhecimento do “saber fazer” (CERTEAU, 2003) de atividades artísticas que figuram como expressão de culturas marginalizadas no contexto de predomínio do eurocentrismo, permite aos sujeitos produzirem a própria consciência histórica a partir de suas concepções de vida e do acesso aos saberes construídos no ambiente acadêmico e nos movimentos sociais.

Essas práticas metodológicas funcionam como instrumento capaz de recuperar as experiências pessoal e coletiva dos professores e alunos, que, em vez de serem considerados receptáculos passivos do conhecimento, aparecem como sujeitos participantes da realidade histórica, “a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento” de maneira que os estudantes, enquanto “sujeitos podem inserir-se a partir de um pertencimento, numa ordem de vivências múltiplas e contrapostas na unidade e diversidade do real. O que, de fato, constitui a identidade dos alunos e seus objetos de interesse”. (SCHMIDT e GARCIA 2005, p 299).

3. Resultados e Discussões

Os resultados desse trabalho ainda estão em processo de análise, uma vez que as atividades do projeto ainda encontram-se em curso. Podemos destacar, no entanto que as oficinas, sessões de cinema e rodas de conversas contribuem para que professores e alunos das escolas se apropriem dos princípios de uma educação voltada para a diversidade e a emergência de culturas historicamente marcadas pela violência da invisibilidade, reconhecendo-se como sujeitos de uma cultura marcada pela diversidade étnico-racial. Esta é a segunda edição do projeto que, esperamos, continuar a desenvolver em outras escolas do Trairi, pois acreditamos que este tipo de iniciativa colabora para a formação ética e socialmente empática de sujeitos capazes de intervir no mundo, a partir de novos olhares e atitudes pautados na igualdade de direitos e no respeito às diferenças.

Pretendemos divulgar os resultados do projeto através da produção de material fotográfico a ser divulgado no portal e redes sociais do IFRN, além de apresentado durante visitas às escolas do Trairi, mobilizando profissionais de educação para participarem de novas edições do projeto. Além disso, este trabalho deverá ser apresentado nos fóruns de debate científico, através da participação em eventos e artigos científicos.

4. Considerações Finais

Por fim, consideramos que as atividades desenvolvidas no projeto têm contribuído para fortalecer o contato do IFRN com a comunidade envolvente, através de parcerias com docente e gestores das escolas envolvidas, demonstra o potencial extensivo dessa instituição de ensino. Além disso, o projeto têm possibilitado a promoção de uma educação para a diversidade dentro e fora do IFRN.

Referências

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; REIS, Martha (Orgs.). Educação, Direitos Humanos e exclusão social. Marília/São Paulo: Oficina Universitária, Cultura Acadêmica, 2012.

BRASIL, Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Brasília-DF: SECADI, 2006.

BURITY, Joanildo. Discurso, descolonização do saber e diversidade étnica e religiosa nas escolas. Rev. Espaço do Currículo. v.7, n.2, p.199-218, maio a agosto de 2014.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

GADOTTI, Moacir. Reinventando Paulo Freire no Século 21. São Paulo: Livraria e Instituto Paulo Freire, 2008.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala, 50ª edição. Global Editora. 2005.

GOMES, Nilma Lino. “Diversidade cultural, currículo e questão racial”. Desafios para a prática pedagógica”. In: ABRAMOWICZ, Anete, BARBOSA, Maria de Assunção e SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs). Educação como prática da diferença. Campinas-SP: Armazém do Ipê, 2006, p.21-40.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MARIN, José. Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização. Rev. Visão Global, Joaciaba-SC, v. 12, n. 2, p. 127-154, jul./dez. 2009.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. O Negro no Brasil de Hoje. São Paulo: Global, 2006.

POZO, Juan Ignacio. A aprendizagem e o ensino de Fatos e Conceitos. In: COLL, César et al. Os Conteúdos na Reforma. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. P. 35-40.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica - Teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza et all. "Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo". In: _____. (org.). Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Porto: Afrontamento, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. Cad. Cedes, Campinas-SP, vol. 25, n. 67, p. 29

7-308, set./dez. 2005 297. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>.